

## Resenha

# JAMES ANTES DE JAMES

Luís Felipe Sobral\*

Não existe exercício intelectual mais eficaz para atravessar a imagem encantada que se produz de um escritor estabelecido, lançado, assim, a um espaço que se quer fora do tempo, do que reconstituir as condições sociais que franquearam a produção dessa imagem.

A dificuldade desse exercício de desencantamento cresce de acordo com o volume de investimento literário empregado para produzir tal imagem. Nesse sentido, em *Henry James goes to Paris*, o crítico literário Peter Brooks, autor de um livro de referência sobre o melodrama oitocentista<sup>1</sup>, enfrenta um caso interessantíssimo. Trata-se do impacto tardio que o ano de estadia juvenil em Paris exerceu sobre a produção literária do escritor norte-americano Henry James (1843-1916): entre 1875 e 1876, diante da cena cultural animada por Flaubert, os impressionistas e companhia, James preferiu Londres e Balzac, mostrando-se refratário aos posicionamentos artísticos que estavam sendo explorados; no entanto, vinte anos depois, os procedimentos literários correspondentes a tais posicionamentos apareceriam – sem dúvida, transformados pela apropriação – na obra de James.

Compreender o efeito que a breve vivência parisiense desempenhou sobre os livros da maturidade de James significa ultrapassar o epíteto laudatório que lhe foi conferido (“O Mestre”), isto é, mostrar como a elaboração do James “literário” dependia da experiência social do James “histórico”. E não é exatamente dessa forma que Brooks recorta seu objeto.

*Henry James goes to Paris* se divide em sete capítulos, intercalados entre um epílogo e uma introdução, na qual se lê:

Começando em meados dos anos 1890, James produz trabalhos correspondentes ao *pointillisme* de Seurat e antecipa o cubismo de Picasso. [...] Pense, por

---

\* Doutorando em antropologia social pela UNICAMP, sob orientação de Heloisa Pontes e bolsista da FAPESP.

1 Brooks (1976).

exemplo, no anônimo narrador de *The sacred fount* ou em Fanny Assingham em *The golden bowl*, dois observadores muito diferentes que precisam tentar deduzir e interpretar evidências que nunca permanecem imóveis, porque estão se movendo e porque o observado se altera sob o olho observador. É um tipo de perspectivismo radical que James trouxe ao romance talvez de forma mais consistente do que qualquer outro romancista, que ele então fez a base de sua teoria da ficção expressa nos prefácios da edição de Nova York de seus trabalhos, e que a geração de [Virginia] Woolf e [Roger] Fry agradecidamente fez a sua própria (BROOKS, 1976, p. 2, em livre tradução).

Brooks não está interessado em estabelecer uma relação de causalidade entre a experiência parisiense e a mudança dos preceitos literários do escritor; antes, trata-se, simplesmente, em suas próprias palavras, de “contar uma história” de uma perspectiva estereoscópica, isto é, por um olhar que observa o objeto simultaneamente, de dois ângulos distintos: o do jovem James em Paris e o da produção literária madura.

Sua narrativa não começa na Europa, mas em Cambridge, Massachusetts, onde o nova-iorquino Henry James foi criado “a alguns passos” de Harvard, universidade na qual seu irmão William James (1842-1910) desenvolveu, com muito sucesso, sua carreira psicológica e filosófica.

A cidade não correspondia às aspirações do escritor, que, após várias estadias europeias, considerava-a paroquial. Em 1875, depois de um inverno decepcionante em Nova York, decidiu, afinal, mudar-se, aos trinta e dois anos, para Paris, “o lugar de escritores e artistas, da vida da mente e do espírito, da liberdade da família e de outras constrições, e o lugar onde escrever romances era levado a sério” (BROOKS, 1976, p. 7).

A princípio, tal escolha parece inusitada, visto que James, autor de dois romances, além de esboços de viagem e resenhas, escrevia para um público anglófono e dependia de seus contatos nos Estados Unidos; no entanto, além de não pretender abrir mão de tais recursos, ele era francófilo: parte de sua educação ocorrera na França, cuja língua ele dominava e cujos autores ele lia desde a juventude, nutrindo apreço particular por Balzac.

Partiu, então, em 20 de outubro de 1875 e, após uma rápida passagem pela Inglaterra, chegou a Paris em 11 de novembro, instalando-se próximo à Place Vendôme, conteúdo de sua memória mais antiga, referente a uma viagem de infância.

Em Paris, o tempo de James era quase completamente dedicado ao trabalho; em particular, à redação do romance *The American*, serializado, a partir de junho de 1876, na revista *Atlantic Monthly*, publicada em Boston. Enquanto isso, circulava eventualmente pela comunidade de expatriados norte-americanos – “detestável, mas também inevitável”, como afirma Brooks – e pela alta sociedade francesa.

Entre os principais contatos de James na capital francesa, o autor destaca: o filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), amigo de William James, com quem jantava semanalmente; o esteta russo Paul Vasilievich Zhukovsky, com quem manteve uma ambígua relação amorosa; o escritor russo Ivan Sergeevich Turgenev (1818-1883), que tinha em altíssima estima e que o introduziu, no final de 1875, no círculo de Gustav Flaubert (1821-1880).

Nas tardes de domingo, Flaubert recebia os convidados em seu apartamento, no Faubourg Saint-Honoré, frequentado pelos escritores Edmond de Goncourt (1822-1896), Guy de Maupassant (1850-1893) e Émile Zola (1840-1902), apenas para citar os mais proeminentes. Em fevereiro de 1876, James escreveu em francês a um amigo: “Fui lançado em pleno Olimpo” (BROOKS, 1976, p. 22, em livre tradução).

A relação entre James e Flaubert possui importância fundamental, explica Brooks, uma vez que “repousa no coração de sua reação ao modernismo francês e de seu entendimento maduro das formas e usos da ficção” (BROOKS, 1976, p. 26, em livre tradução).

Tal relação pode ser caracterizada por um posicionamento contraditório: de um lado, o imenso fascínio exercido por Flaubert e seu círculo; de outro, o desencantamento provocado pela forte francofonia desse circuito, completamente ignorante da literatura anglófona, e pelo estranhamento diante dos novos experimentos literários, tão distantes dos estimados Balzac e George Eliot.

Essa contradição corresponde à tensão entre cosmopolitismo e conservadorismo: se, por um lado, James procurou ultrapassar as fronteiras linguísticas, orientando seu projeto artístico por diferentes tradições nacionais, por outro, seus parâmetros literários permaneceram ancorados no passado, em relação ao grupo flaubertiano, que logrou êxito em projetar no futuro seus novos critérios literários, constituindo-se, assim, como vanguarda.

Se James era cosmopolita demais para o círculo de Flaubert, sua orientação artística estava ultrapassada, e não somente entre os literatos. Diante da segunda exposição impressionista, ele não apenas avaliou que nenhum dos pintores (Monet, Renoir e Degas) possuía talento, como também concluiu que os próprios preceitos impressionistas não eram compatíveis com o talento artístico.

Reconhece-se com facilidade – e obrigação tácita – o valor de um artista estabelecido, adequadamente disposto em uma genealogia ordenada: admirar hoje um Manet é um ato banal; admirá-lo no Salão de 1876, onde foi exposto junto com uma série de pintores agora esquecidos (Baudry, Sylvestre, Detaille e Duran), era uma atitude vanguardista que dependia de certa educação do olhar, disponível exclusivamente em uma estreitíssima região do campo artístico da qual James não fazia parte.

Como e por que os critérios artísticos do grupo flaubertiano e dos impressionistas – entendidos por Brooks como experimentos com novas formas de olhar –, a princípio radicalmente rejeitados por James, surgiram, vinte anos depois, em sua obra madura?

Após um longo primeiro capítulo biográfico, *Henry James goes to Paris* prossegue com a tarefa de ler a produção literária madura de James, sem perder de vista a vivência parisiense da juventude. Tal produção foi marcada por “um questionamento constante de como podemos saber o que reivindicamos saber”, como explica Brooks (1976, p. 52, em livre tradução). E acrescenta: “E quando ele emerge nas obras-primas de sua fase final – *The ambassadors, The wings of the dove, The golden bowl* –, é com uma preocupação constante com ângulo de visão, ponto de observação e centro de consciência” (BROOKS, 1976, p. 52, em livre tradução).

Tudo se passa como se a dramática experiência parisiense tivesse ficado guardada durante vinte anos e, então, repentinamente, irrompesse na escrita de James. Trata-se de um problema de temporalidade: entre as duas imagens produzidas pelo procedimento estereoscópico de Brooks (o jovem James, em Paris, e a produção literária madura), a história não encontra espaço para se alojar; o leitor se vê, assim, diante de um projeto histórico abortado, pois não há nada que estabeleça o vínculo entre os dois ângulos analíticos.

Peter Brooks não é sociólogo, nem historiador, mas crítico literário, e seu livro tem o mérito de propor um novo ponto de vista para ler a obra madura de James. No entanto, a questão por ele elaborada – o contraste marcante entre os posicionamentos de um mesmo escritor, em dois momentos de sua vida, diante de certos critérios artísticos – pode prescindir, mesmo parcialmente, do mundo social?

A grande ausência de *Henry James goes to Paris* não é a vida social, tratada, em grande medida, no primeiro capítulo, nem a forma literária, enfrentada no restante do livro, mas a mediação entre essas duas dimensões, enfrentadas separadamente.

A resposta para a radical mudança de postura de James não se encontra apenas em sua vivência parisiense, mas, sobretudo, em como essa vivência foi

transformada ao longo do tempo. Sem um procedimento histórico levado até o fim, esse exercício de desencantamento permanece inacabado, e os motivos da tardia guinada artística de James, desconhecidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination. Balzac, Henry James, and the mode of excess*. New Haven: Yale University Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *Henry James goes to Paris*. Princeton: Princeton University Press, 2007. 255 p.